



Sessão Coordenada 19

Fernando Guedes Cury¹

As pesquisas em História da Educação Matemática se referem a estudos de natureza histórica que investigam “a atividade matemática na história, exclusivamente em suas manifestações em práticas pedagógicas de circulação e apropriação do conhecimento matemático e em práticas sociais de investigação em educação matemática” (MIGUEL e MIORIM, 2002, p. 187).

Além disso, concordamos com Garnica e Sousa (2012) quando estes apontam que a História da Educação Matemática exercita um diálogo entre História, Educação e Matemática, chamando à cena para esse diálogo uma vasta gama de outras áreas do conhecimento. A História da Educação Matemática visa a compreender as alterações e permanências nas práticas relativas ao ensino e à aprendizagem de Matemática; dedica-se a estudar como as comunidades se organizavam para produzir, usar e compartilhar conhecimentos matemáticos e como, afinal de contas, as práticas do passado podem – se é que podem – nos ajudar a compreender, projetar, propor e avaliar as práticas do presente.

E as apresentações da Sessão Coordenada 19, do IV Encontro Nacional de Pesquisas em História da Educação Matemática, quem ocorreram no dia 16 de novembro de 2018, a partir das 7h30, no campus da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, apesar de se valerem de abordagens metodológicas diferentes, aproximam-se, todas elas, com aspectos ligados à formação de professores.

Os três trabalhos apresentados nessa seção foram: “Didática Especial e História da Educação Matemática: contribuições de um estudo sobre a formação de professores de matemática na Faculdade de Filosofia de Minas Gerais (Belo Horizonte, 1941-1954)”, de autoria de Filipe Santos Fernandes, Paulo Henrique de Souza Araújo e Luís Henrique Coelho de Almeida Cosenza; “Formação de

¹ Doutor em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Rio Claro). Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, campus de Natal/RN, Brasil. Email: matfernando@yahoo.com.br.

professores de matemática: um estudo historiográfico sobre nomenclaturas dos cursos nas décadas de 1960 e 1970”, enviado por Letícia Nogueira Gomes e Maria Edneia Martins Salandim; e “PIBID de Matemática da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN): um olhar para a formação docente”, escrito por Anelândia Maria da Conceição Silva, Liliane dos Santos Gutierre.

Os períodos e espaços enfocados eram variados: enquanto Aelândia Silva e Liliane Gutierre decidiam por focar nas práticas formativas desenvolvidas pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) na Universidade Estadual do rio Grande do Norte (UERN) de 2009 até o presente, Letícia Gomes e Ednéia Martins Salandim dedicaram-se a refletir sobre a nomenclatura dos cursos de formação de professores brasileiros produzindo compreensões sobre as “Licenciaturas de 1º Ciclo”, ou “Licenciaturas Curtas”, no período de 1962 a 1979. Por fim, Filipe Fernandes, Paulo Araújo e Luís Cosenza voltaram-se a compreender as contribuições da disciplina Didática Especial (e Didática Especial de Matemática) da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais para a História da Educação Matemática no período de 1941 a 1954.

As fontes utilizadas pelas pesquisas mostram como, de maneira geral, as pesquisas em História da Educação Matemática têm ampliado suas possibilidades neste quesito. Fontes – não custa reafirmar – são os resíduos de que o pesquisador dispõe ou cria para suas investigações. Segundo Albuquerque Júnior, os documentos (as fontes que segundo determinadas condições e interesses tornam-se efetivamente recursos para a pesquisa) não se oferecem “desnudos e virginais para serem lidos” (2013, p. 19). Eles são feitos de camadas de sentido e significados e, além disso, documento não são dados ou achados, são, na verdade, fabricados, criados, inventados (Idem). Nesse sentido, as fontes orais constituídas a partir de entrevistas com pessoas envolvidas com o PIBID da UFRN, artigos disponibilizados pela Revista Documenta e Projetos curriculares, ementas e programas de disciplinas, atas e Anuário da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais foram os eleitos pelos autores dos trabalhos apresentados.

Os referenciais teórico-metodológicos adotados, totalmente integrados aos temas e questões propostas pelos investigadores de cada trabalho podem assim ser resumidos: para as interessadas nas práticas formativas do PIBID na UERN, a *História Cultural* que como “fruto de uma necessidade imediata dos novos fatos e das operações intelectuais que permitem apreender o mundo” (Chartier, 1990). Às interessadas na nomenclatura dos cursos de formação docente, a escolha foi pela Hermenêutica de Profundidade (HP) preocupa-se com a análise de “formas simbólicas”, isto é, uma produção intencional humana que é feita de acordo com uma estrutura convenientemente convencionada, estruturada e contextualizada. Por outra parte, os pesquisadores voltados às compreensões históricas sobre as disciplinas de didática ofertadas nos primeiros anos da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais, apostam, conforme suas próprias palavras, numa perspectiva historiográfica na qual “o que se procura é chegar a esses elementos por meio de práticas que o permitiram emergir como preocupação histórica, com visibilidade e dizibilidade; buscar por um nó que articula acontecimentos e que instaura um solo no qual determinadas configurações sociais, posições de sujeitos e objetos, poderes e formas do conhecimento podem se construir, circular e produzir efeitos”.

A este parecerista, os trabalhos parecem muito bem estruturados e com resultados consistentes. Mas me reservei ao direito de fazer algumas sugestões

para futura futuras análises possam se desenrolar.

Analisar, além das entrevistas, os projetos que nortearam o PIBID na UERN, pois acredito que estes poderão ajudar a compreender as ações práticas efetivadas como adaptações ou subversões do que foi planejado pelos idealizadores do Programa. Também me parece interessante fazer uma incursão em estudos que abordam concepções sobre formação de professores e/ou de autores que falam do conhecimento profissional dos professores como Gauthier (1998), Hofstetter e Valente (2017), Mizukami (2010), Schön (1983), Shulman (1986) e Tardif (2014), Antônio Novoa, Dario Fiorentini e outros que foram, inclusive citados pela professora Adair Nacarato na palestra dada neste mesmo evento no dia anterior.

Acerca das produções de significados sobre a nomenclatura dos cursos de formação de professores e as implicações na formação esperada para aqueles profissionais, a sugestão foi a de leitura de dois artigos que tratam de temas similares:

“Licenciaturas Curtas e a formação docente no Sul do Mato Grosso Uno”, escrito por Carla Regina Mariano e Antonio Vicente Marafioti Garnica em 2018 e publicado na Revista Zetetiké.

“O Processo Histórico de Disciplinarização da Metodologia do Ensino de Matemática”, de autoria de Viviane Lovatti Ferreira e Vinício de Macedo Santos que foi publicado pela Revista Bolema em 2012.

Finalmente os mineiros voltados às relações entre as disciplinas de Didática e a História da Educação Matemática, sugeri uma incursão maior sobre o “saber desinteressado” (conhecimento científico desvinculado da formação profissional) que foi pouco debatido por eles e me pareceu muito interessante para pesquisas em Educação Matemática, de maneira geral, em particular as de História da Educação Matemática.

Algumas conclusões após o debate dos trabalhos apresentados nesta seção foram: no Brasil é latente a falta de políticas de formação, de longo prazo, para a formação de professores; em qualquer sociedade moderna, grandes mudanças na educação passam pela Formação docente, mas essa percepção, se chegou ao conhecimento dos que comandam nosso país, não os convenceu a ponto de promover ações mais sérias e, como dito anteriormente, de longo prazo; um ciclo vicioso pareceu ficar delineado ao refletirmos sobre os resultados dos três trabalhos discutidos: a desvalorização da docência, implicam em falta de professores ou má qualidade na formação, isso (entre outras coisas) gera altas taxas de analfabetismo ou uma má qualidade do ensino. Isso, por sua vez, impulsionaria a criação de propostas de formação emergencial (que geralmente são de curto prazo) e não dão uma boa qualificação ao futuro professor... e voltamos ao início do ciclo.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **Raros e Rotos, Restos, Rastros e Rostos: os arquivos e documentos como condição de possibilidade do discurso historiográfico..** ArtCultura (UFU) , v. 26, p. 07-31, 2013.

CHARTIER, R. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990.

GARNICA, A. V. M; SOUZA, L. A.. **Elementos de história da educação matemática**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012

MIGUEL, A; MIORIM, M. A. **História da Matemática**: uma prática social de investigação em construção. Educação em Revista, Belo Horizonte, n. 36, dez. 2002.